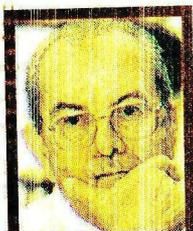


Sepulcro caiado

Este espaço, que o Correio Brasileiro me cede, substitui a tribuna do Senado, que por três diferentes mandatos ocupei, pelo voto livre do povo paraense. No jornal fico habitualmente lado a lado com o deputado José Genoíno, um dos petistas que muito admiro e que não faz da divergência ideológica motivo para ódio. Digo, trocando, que escrevo "com sentinela à vista", num jornal em que a esquerda é amplamente majoritária. Os que conhecem um pouco a política do Pará sabem que eu poderia estar, ainda hoje, ocupando uma das poltronas do Senado, se me compusesse com aliança que me foi oferecida. Resisti. Cuido que a minha missão já foi ultimada e a experiência que já vivi ensinou-me que aceitar aliança é perder um pouco da própria identidade. Já assim não pensa o líder máximo do PT, reconheço. É a força do pragmatismo. Não renego a política, conquanto não tenha sido a minha vocação primeira. Não a deixei como o fez, lastimavelmente, Artur da Távola, que trocou o Senado por uma secretaria do município do Rio de Janeiro, porque "o Senado havia se transformado numa delegacia de polícia", tais os escândalos mergulhando fundo nos delitos contra a honra. Guardo, pois, da mais alta Casa Legislativa do país, que integrei, lembrança muito diversa. Explica-se, assim, minha decepção ao ler a entrevista que a nobre senadora Heloísa Helena concedeu ao jornalista Marcone Formiga, publicada na revista *Brasília em Dia* da semana em curso.



**POR
JARBAS
PASSARINHO**

Antes, uma palavra à guisa de intróito necessário. Não tive o prazer de apertar a mão da ilustre senadora senão uma só vez e de passagem no plenário do Senado, onde fora participar de uma sessão em homenagem à memória de Milton Campos. Dela, porém, já eu tivera notícia por lerre o que diz ou escreve, sempre às claras. Isso me causara, se não a concordância, a simpatia, porque também quase sempre a insinceridade. Lendo-lhe versos de Carlos Drummond de Andrade, sobre o amor, a simpatia cresceu. Eu amei uma só mulher que Deus me deu por esposa. Daí admirar os que, como os poetas, têm vocação plural para o amor, e os que têm sensibilidade apurada para entender os poetas. Uma vez disse eu, em aparte ao meu adversário Agenor Maria, senador pelo Rio Grande do Norte, que se orgulhava de ter sido marinho, que o Senado seria menor sem a sua presença entre nós. Não é o caso de desculpar-me, eu pequeno burguês sem riqueza material, ao fazer a comparação dela com Agenor Maria, uma vez que, na entrevista ao festejado jornalista, a senadora fez questão de revelar, com orgulho, uma origem marca-

**NÓS, DO "SEPULCRO CAIADO",
PREZÁVAMOS A
ELOQUÊNCIA,
CONTÍNHAMO-NOS
NO ELOGIO E
EVITÁVAMOS OS
EXCESSOS NAS
CRÍTICAS DE ORDEM
PESSOAL. ÉRAMOS
RADICAIS NA DEFESA
DAS IDÉIAS, MAS
CUIDÁVAMOS DE
FUGIR DA INIMIZADE
QUE, DE TODAS AS
PAIXÕES, É A ÚNICA
INCURÁVEL**

da pelas vicissitudes materiais.

A medida que lia a entrevista, crescia meu respeito pela coragem e a intrepidez. Compreendi a razão de sua animosidade para com os burgueses ricos, que retrata na figura do ex-senador Luiz Estevão: "Homem riquinho e ordinário em que vomito em cima porque não gosto desse tipo de gente". Logo, porém, esbarrei na resposta em que a distinta senadora refere ter lido "uma reportagem onde alguns ex-senadores comentavam o que os irritava no Senado agora". É que ao ministro Paulo Brossard, a mim e ao nobre senador Jefferson Peres, jornalistas nos houveram pedido comparar o Senado, que elas cobriam ao meu tempo e o do ministro, com o atual, no tocante ao trato parlamentar. Citando a jovem senadora Heloísa Helena, as repórteres perguntaram o que achávamos da sua maneira de trajar-se e da sua palavra franca. Respondi que o traje, inusitado, tomava-o como simples provocação para chocar o Senado. Como se dizia outrora, algo pedantemente, *pour épater le bourgeois*, escandalizar o burguês. Quanto às calças jeans, conheço a encenação de moças jovens também, e da alta burguesia brasileira, que as usam rasgadas. São mais caras, dizem-me, pois cobram os rasgões. O ministro Brossard disse que o trajar da nobre senadora correspondia ao de um ministro do Supremo "que despachasse calçando sandálias havaianas". Acrescentei, aliás, que não podia chocar-me quem lia Drummond e o padre Vieira. No mais, falei sobre a beleza da tribuna parlamentar ornada

pela polidez no trato mútuo. Vejo que isso enervou a destemida senadora. O honrado senador Peres admitiu que éramos mais cuidadosos com a linguagem, conquanto inautênticos em confronto com os atuais, autênticos. É um juízo de valor. A intrépida representante de Alagoas agride. Chama de sepulcro caiado o Senado de antanho. Muito nova, desfaz dos senadores dos anos 70 e 80. Nada direi dos defensores, como eu, do regime, mas do Senado de então, um pulmão por onde respirava a oposição desde o período autoritário. O presidente Geisel acabara com a censura da grande imprensa. Paulo Brossard, epígono de Cícero, proferia verdadeiras verrinas, exibindo a coragem de dizer o que outros preferiram silenciar. O senador gaúcho enfrentou riscos, criticou duramente o presidente Geisel, a quem apelidou, em contundente e satírico discurso, de "Constituinte do Riacho Fundo", com referência à emenda constitucional que ele promulgara em abril de 1977. Denunciou prisões ilegais, tudo ainda na vigência do AI-5, sob risco de cassação. Mas não foi palavra isolada. Teotônio Vilela, que fora um dos nossos, não teria sido o "menestrel de Alagoas" do cancionário do protesto, senão porque visitava terroristas presos, em greve de fome, solidarizando-se com eles e assomando à tribuna para exigir a libertação deles, reclamando do governo João Figueiredo anistia "ampla, geral e irrestrita".

A julgar, porém, pela entrevista, a ardorosa senadora não o distinguiu do "Senado onde só chegavam os filhos da elite econômica de Alagoas". Que dizer da combatividade de Franco Montoro, Marcos Freire, Itamar Franco, Tancredo Neves, Gilvan Rocha, Humberto Lucena, Nelson Carneiro, Dirceu Cardoso, Henrique Santilo e Jaison Barreto, e dos seus atuais colegas de legislatura, Pedro Simon e Roberto Saturnino? Todos do sepulcro caiado "que rachou, cujo odor fétido incomoda narizes, mentes e corações do povo?" E, se imitássemos a brava senadora e retrucássemos que assim é o Senado de hoje e não o de ontem? Ainda bem que a intemorata senadora pensa que "o Senado é um espaço para fazer grandes debates sobre a vida nacional". E era assim que pensávamos também.

Talvez a diferença resida em que, no passado, nós do sepulcro caiado prezávamos a eloquência e havíamos lido Gustave Le Bon, na *Psicologia das Multidões*, para saber que "as palavras, manejadas com arte, provocam formidáveis tempestades na alma popular, mas podem fazer vítimas tantas que, com suas ossadas, pode construir-se pirâmides mais altas que as do Egito". Por isso, contínhamo-nos no elogio e evitávamos os excessos nas críticas de ordem pessoal. Éramos radicais na defesa das idéias, mas cuidávamos de fugir da inimizade que, de todas as paixões, é a única incurável.

JARBAS PASSARINHO, PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO MILTON CAMPOS, FOI MINISTRO DE ESTADO, GOVERNADOR E SENADOR